

Juventude e escola: articulações entre escolha profissional e projetos de vida

Youth and school: connections between professional choice and life projects
Juventud y escuela: conexiones entre elección profesional y proyectos de vida

Felipe Plácido dos SANTOS¹
Jéssica Maria Dias MONT'ALVERNE²
Alexsandra Maria Sousa SILVA³

Resumo: Pesquisa com interface nos campos de estudos sobre Juventudes, Educação e Psicologia Social. Discutiu-se sobre a educação no contexto do ensino médio e aos modos de escolarização que produzem as nossas juventudes. O objetivo deste artigo é refletir sobre as possíveis contribuições da escola acerca da escolha profissional e projeto de vida. A metodologia foi qualitativa, com uso da pesquisa-ação e a realização de três oficinas, com jovens do 3º ano do Ensino Médio, de uma escola pública, em Sobral-Ce. Foram elencadas categorias centrais: escola, família, juventudes, modos de vida e potenciais. Resultados apontaram a importância de uma educação transformadora.

Palavras-chave: *Juventude. Escola. Projeto de vida. Profissão.*

Abstract: Research with interface in the fields of studies on Youth, Education and Social Psychology. There was a discussion about education in the context of secondary education and the ways of schooling that produce our youth. The objective of this article is to reflect on the possible contributions of the school regarding professional choice and life project. The methodology was qualitative, using action research and carrying out three workshops, with young people in the 3rd year of high school, from a public school, in Sobral-Ce. Central categories were listed: school, family, youth, ways of life and potential. Results highlighted the importance of transformative education.

Keywords: *Youth. School. Life project. Profession.*

Resumen: Investigación con interfaz en los campos de estudios de Juventud, Educación y Psicología Social. Se discutió sobre la educación en el contexto de la educación secundaria y las formas de escolarización que producen nuestros jóvenes. El objetivo de este artículo es reflexionar sobre los posibles aportes de la escuela en materia de elección profesional y proyecto de vida. La metodología fue cualitativa, utilizando investigación-acción y realizando tres talleres, con jóvenes de 3º año de secundaria, de una escuela pública, en Sobral-Ce. Se enumeraron categorías centrales: escuela, familia, juventud, formas de vida y potencialidades. Los resultados resaltaron la importancia de la educación transformadora.

Palabras clave: *Juventud. Escuela. Proyecto de vida. Profesión.*

¹ Membro do Corpo Docente do curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão (FLF). E-mail: felipeplacidossantos@hotmail.com

² Psicóloga graduada pela Faculdade Luciano Feijão (FLF). E-mail: jessmd1@hotmail.com

³ Professora do curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão (FLF). Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: alexsandramss88@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo consiste na discussão de temas que partem de um recorte de uma pesquisa maior intitulada “Juventude, Protagonismo e Educação: A Escola como Espaço de Desenvolvimento dos Potenciais de Vida dos Jovens”, realizada pelo curso de Psicologia, da Faculdade Luciano Feijão, em Sobral-Ce. Este estudo, busca especificamente problematizar os (im)possíveis diálogos entre a escola e as juventudes, refletindo de que modo essa relação pode contribuir com o desenvolvimento de dos projetos de vida dos jovens, que advém de contexto de pobreza. Deste modo, as análises contemplam a diversidade da condição juvenil, dando ênfase a realidade vivida por grande maioria desses jovens e os vínculos estabelecidos com o contexto escolar.

Para isso, propõe-se uma contextualização dos processos educacionais brasileiros e dos olhares voltados a juventude, em especial, a de classe mais empobrecida. Quando se remete ao sistema educacional brasileiro, surgem inúmeras divergências, especialmente quanto ao percurso de jovens no ensino médio (Krawczyk, 2014). Atualmente, devido a democratização do ensino, que incorpora o Ensino Médio à Educação Básica pela LDB, em 2007, os jovens que compõem as escolas públicas caracterizam-se por uma diversidade relativa a subjetividade, aos desejos, uma vez que são provenientes de diferentes contextos sociais, étnicos, políticos e econômicos.

A realidade da maioria dos jovens brasileiros, mostra que o trabalho faz parte da condição juvenil, pois é este que garante, muitas vezes, o lazer, o consumo, o namoro. Assim, o trabalho encontra-se relacionado com os estudos, podendo influenciar no percurso escolar. Ambos são projetos que se superpõem ou podem sofrer variações diversas. O lugar social desses jovens é uma dimensão que define as possibilidades e, ou os limites para uma determinada condição social. A vivência de ser jovem em situação de pobreza, interferem diretamente na trajetória de vida e no sentido que é dado a esse momento (Dayrell, 2007).

O trabalho se faz um elemento significativo para cada jovem, eles que estão a cada dia mais cedo buscando o mercado de trabalho, seja em busca de reafirmação de um espaço, como também pela busca de autonomia e oportunidades. Pode-se perceber que esse lugar ainda que desejado, representa a desigualdade vivida por esses jovens que se arriscam entrar no primeiro emprego e enfrentam inúmeros desafios, como por exemplo, ter que conciliar trabalho e escola (Leão et al., 2014).

Entretanto, os currículos escolares não se adequaram a essa nova demanda, uma vez que se estabeleceu um distanciamento entre estes e os projetos de vida dessa nova parcela de jovens que não procuram, necessariamente, a aprovação para o Ensino Superior, pois esta não condiz com



sua condição de quem precisa lutar para sobreviver, garantindo o mínimo imediato para satisfazer suas necessidades básicas, como alimentação, moradia, saúde e lazer. Além disso, a juventude possui uma característica particular, a busca pela autonomia.

Para Dayrell (2007), a escola possui um cotidiano enfadonho diante do olhar desses jovens, e assim vai se colocando distante de seus interesses, enquanto na ótica dos profissionais da escola, muitas vezes, o problema está localizado no aluno. É preciso problematizar de que modo esses sujeitos são produzidos no âmago da instituição escolar e como esta fabrica práticas que homogeneizam os modos de ser jovens na sociedade contemporânea. Parece que a escola, de um modo geral, reconhece a importância do aluno, como aquele que oferece desempenho satisfatório/insatisfatório; disciplina/indisciplina; notas boas/ruins; os aprovados e os reprovados.

As reflexões aqui trazidas intentam questionar a realidade dos jovens pobres, criticando a lógica individualizante, presente no sistema educacional e compreendendo-a partir de uma relação dialética e histórico-cultural. A relevância deste tema destaca-se, portanto, pela necessidade de questionar a realidade homogeneizante dos processos escolares junto ao diálogo entre os jovens do ensino público e a escola, de modo a entendê-los não apenas como alunos, mas como sujeitos sociais.

Desse modo, torna-se fundamental pensar uma educação possível que também favoreça a construção de jovens protagonistas, que se coloquem diante de suas escolhas e que sejam capazes de sonhar e vislumbrar caminhos de autonomia, através da realização de seus projetos de vida. Assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre as possíveis contribuições da escola acerca da escolha profissional e projeto de vida dos jovens.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa, no qual podemos obter dados a partir de uma relação horizontal e ativa com os jovens, sujeitos participantes deste estudo. A inserção na escola se deu, primeiramente, com o contato com a direção, onde foi possível conhecer parte dos desafios vivenciados pelos alunos do 3º ano, do ensino médio, que enfrentavam a difícil decisão da escolha profissional. Isso justificou a definição da pesquisa ser direcionada para esse grupo.

A construção dos dados ocorreu por meio da aplicação de três oficinas, em que cada uma foi abordada uma temática e uma metodologia diferente. As oficinas foram realizadas na própria escola, com uma turma de 3º ano, do ensino médio, contando com uma média de 40 alunos, entre 16 e 18 anos de idade. As temáticas abordadas foram: Juventude e Modos de Vida, que



proporcionou discussões em torno dos modos de vida desses jovens e uma maior aproximação de sua realidade. A segunda oficina abordou a temática Profissão e Projeto de Vida, onde foi traçada discussões sobre suas escolhas profissionais e esclarecimentos sobre o que eles querem e o que eles são incentivados a fazer, no que diz respeito a ensino superior, escolha profissional e mundo do trabalho. Por fim, na terceira oficina, nomeada Potenciais da Juventude, foi onde eles reconheceram alguns potenciais entre eles, tais como: família e escola (estudos), no entanto, trazem a escola com um aspecto de potencial de vida, mas ao serem questionados como a escola potencializa eles não conseguem trazer uma resposta processual de que forma isso acontece, delimitando à escola a função apenas de formação. Através das discussões percebemos que esse ambiente está para além da formação curricular, questões estas não vivenciadas pelos jovens.

As oficinas foram gravadas em áudios e, posteriormente, transcritas. Os dados foram analisados com base na proposta da análise de conteúdo (Bardin, 1977), com auxílio do software Atlas T.i 1.6. As categorias principais elencadas foram: Escola, Juventudes, Modos de Vida e Potenciais, e as categorias secundárias identificadas foram família e reconhecimento.

A pesquisa considerou as determinações presentes na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, no Art.16 do Código de Ética do Psicólogo, as assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e dos Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), dos jovens e responsáveis legal, quando necessário. Desta maneira, teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) na Universidade Vale do Acaraú – UVA, através do Sistema Plataforma Brasil, com o CAAE: 74987817.5.0000.5053.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Modos de Vida da Juventude: havia potenciais no meio do caminho...

Neste tópico serão apresentadas discussões sobre os modos de vida e suas relações com a juventude, considerando as diversidades, os desafios e as problemáticas vivenciadas pelos sujeitos que participaram da pesquisa.

Para retratar o modo de vida desses jovens é preciso situar a condição de pobreza em que eles vivem e as implicações psicológicas e sociais que isso traz, tais como pensamentos e comportamentos fatalistas. O fatalismo segundo Cidade (p. 325-326, 2012):

(...) se manifesta através de comportamentos, ideias e sentimentos, de modo a permitir que os sujeitos reajam aos consequentes esforços fracassados para darem o curso da vida. No imaginário dos indivíduos, são formulados conjuntos de leis,

justificativas e módulos explicativos com o interesse de dar conta de uma realidade que parece impossível de ser transformada após inúmeros investimentos fracassados.

O fatalismo foi um comportamento presente nos jovens pesquisados, principalmente quando se falava do futuro, muitas vezes atribuído a entidades superiores. Durante as interrogações na oficina 3, podia-se perceber que fazer uma projeção futura do que se tem hoje, para algo mais distante era um exercício complicado para alguns deles. Permeando o silêncio ao interrogá-los, a fala oculta representou muito para os facilitadores, ou seja, os olhares e o silêncio tornaram respostas para todas as perguntas. Foi então quando alguém assumiu o lugar e se expressou de forma a inverter os papéis. Como podemos observar no diálogo:

Como vocês se sentiram pensando dessa forma? (Facilitadora), Frustrado! (Carlos, OF3), Porque frustrado? (Facilitadora), Por que não sei que não quero nada! Não se sabe pensar o que quer! (Carlos, OF3), Dificuldade de se alcançar o que deseja? [Silêncio] Você já tinha parando antes pra pensar sobre isso? (Facilitadora), Já! Todos os dias! (Carlos, OF3).

A afirmação de frustração de Carlos aparece diante das incertezas frente ao futuro, que estão associadas as dificuldades cotidianas. Parece que, pra ele, pensar é mais fácil do que projetar sua vida. É nesse contexto em que a pobreza pode produzir limitações e privações através dos quais esses jovens vão construindo sentidos e significados diante da vida, o que, por sua vez, os impele também a construir modos de enfrentamento às adversidades cotidianas e assim criarem estratégias próprias para se transformarem em sujeitos protagonistas de suas vidas (Scisleski et al., 2012). Como podemos observar na fala de Giovana na oficina 1:

Na Geografia diz que o meio influencia o homem, claro se eu vivo no meio que tem contato com a droga e se eu não tiver a cabeça bem feita eu vou lá e vou usar. Eu vou sair com meus amigos e se eles pressionarem e eu não tiver pulso firme eu vou fazer, então é claro que o meio influencia o homem.

Diante disso, a partir do discurso de Giovana observa-se o processo de ressignificação desse meio, sem negar sua realidade na qual está inserida e o reconhecimento dela dentro desse lugar.

Na oficina 1, o jovem traz a loucura como uma característica da juventude, algo que os diferenciam dos demais ciclos de vida. Isso fica claro na fala de Júlia quando diz: “*Sou diferente, não sou louca, só tento ser feliz apesar de tudo*” (Júlia, OF1). Apesar dos padrões existentes, ela tenta ser diferente ou afirmar seu potencial de autenticidade, mas isso não quer dizer que seja louca, no sentido patológico, por fugir dessa normatividade. Os jovens constroem

determinados modos de ser que se apresentam em suas particularidades, portanto, isso ressalta que não há uma única forma de ser jovem na sociedade. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser, não como problema, mas como potencial de transformação. Assim, faz sentido articular a noção de jovens à de sujeito social (Dayrell, 2003).

Quando é perguntado à turma como eles diferenciam a criança do jovem, foram apontadas características como busca por liberdade, responsabilidade e a vivência de experiências marcantes, de aprendizado inerentes à juventude, como traz Eduardo "Na minha concepção, é diferente. O jovem procura a liberdade dele sabe" (Eduardo, OFI). Assim, parte-se da compreensão de que a juventude é caracterizada como um momento de transição entre a dependência infantil e a autonomia adulta, um período marcado pela aquisição de pensamento crítico, posicionamentos e decisões, mas também marcado pela noção de um movimento caótico e confuso. Por esse motivo, constantemente os direitos desses jovens são ocultados ou desrespeitados, como afirma Weller (2014), "aos olhos dos adultos, os jovens são vistos, muitas vezes, como 'sonhadores', 'confusos'." Entretanto, como Alves (2017, p.45) vem delinear em sua tese o percurso histórico da institucionalização da juventude, desde o século XIX os jovens expressam atitudes de oposição ao poder disciplinador exercido sobre suas vontades e valores. A autora vem ressaltar, ainda, que é através dessa reação que surge na sociedade moderna a noção de juventude como um problema social.

Ave gente, vocês são horrível. E a gente ficou conversando, a gente só tem 17 anos e a gente já passou por tantas coisas da vida, são tantas experiências. E o jovem tem que ser levado a sério, porque a nossa opinião conta sim. Se eu acredito em algo que eu tenho que defender eu vou lutar por isso, entendeu, eu acho que a nossa geração é só saber lidar, a gente não tem que ser diferente. Quando falam que o jovem não é levado a sério, é porque eu nem procuro a fonte e só reproduz, minha opinião não vai ser levada a sério, se eu não procuro as fontes. Eu tenho que criar um argumento. E influenciar o meu meio. Então nós jovens temos que fazer isso (Rafael, OFI).

É importante mencionar que, na fala grifada acima, é notória a percepção crítica do jovem, uma noção mais acurada do que precisa para ser levado a sério e de quais caminhos. Buscar informações que embasem uma argumentação pela valorização dos direitos, evidenciando, para a sociedade, a capacidade que o jovem tem de apresentar um olhar político e problematizar a noção estabelecida que defende uma juventude como estado de confusão, dúvidas, conflitos e crises.

Articulada a essa diversidade em que a juventude é relacionada no contexto contemporâneo, tem-se também o desenvolvimento de uma

capacidade crítica sobre o lugar que ocupam enquanto jovem, que é diferente do lugar que o adulto designa para eles. Isso está relacionado a uma visão política e crítica que questiona o lugar do estabelecido e imutável. Vê-se isso quando Eduardo argumenta “o que estão pensando é que parece que temos que se adequar ao que o adulto pensa. Eu acho que o jovem hoje é levado a sério, é tão levado a sério que eles não dão oportunidade. Eles são tão levados a sério que tiram a oportunidade deles” (Eduardo, OF1). Há também uma inquietação, pois defende que os jovens não devem necessariamente se adequar a formas de pensamento do adulto, como se esse não fossem capazes de desenvolver opiniões próprias. Portanto, eles firmam a potencial de criticidade que o jovem pode construir perante a sociedade, assim como nas diversas formas de pensar, expressar e construir sua identidade.

A escola e família frente os desafios da escolha profissional e do projeto de vida

Na categoria escola e família, estiveram fortemente presentes questões como determinação e estudos. Diante da fala dos jovens, a escola ganhou o lugar onde representa significado de oportunidade de um futuro melhor, representado na fala de uma jovem que conta a influência de seus familiares na busca por uma formação quando estes contam suas histórias:

Às vezes a mãe fica falando que não tinha oportunidade nenhuma. Ela fica só mandando eu estudar direto, ela e meu pai. Porque meu irmão terminou o ensino médio, não quer saber mais de estudo, ai ela disse que é pra eu dar orgulho a ela. Pelo menos eu, a única filha dela mulher, se formar... (Lia, OF2).

A família também é trazida como uma base que sustenta os caminhos que eles têm e vêm trilhando até o momento falado, tal como traz Júlia quando diz: “*Família eu botei, família é tudo, minha base e fortalecimento*” (Júlia, OF1). Para Silvia Lane (2004) a família é o primeiro meio de socialização do sujeito e a escola é o segundo meio de socialização que favorece o desenvolvimento, no caso, dos jovens. Nesse estudo, pode-se considerar também a família e a escola como fontes diferentes de apoio, que pode favorecer e fortalecer os sonhos da juventude.

Sobre escola, profissão e projeto de vida, os jovens apontam para uma compreensão da escola enquanto uma instância motivadora relativa às questões de escolha profissional, mas essa questão é posta em contraposição no momento em que eles não encontram argumentos que exemplifiquem que ações motivadoras são essas. Na categoria escola, é possível observar que os jovens do Ensino Médio expressam a vivência de escolha profissional limitando-se às áreas de interesse, como ciências exatas, humanas ou biológicas, possibilitando

o entendimento, a partir desse pouco contato, de que a identificação pela profissão se dê baseado, unicamente, no uso de cálculos, por exemplo, como na fala de João:

Meu grupo é ciências exatas, aí tem Física, Administração, Engenharia Civil e Engenharia Elétrica. Em Física eu espero encontrar muitos cálculos e ter um bom retorno financeiro. Engenharia Civil: grande responsabilidade, muito cálculo. Engenharia Elétrica: espero que me dê dinheiro, que seja uma boa profissão pra mim e espero encontrar muito cálculo (João, OF2).

Esse fato exemplifica a problemática da discussão atual sobre o predomínio nas escolas da noção de aluno sobre os jovens, como sujeitos homogêneos, aqueles que precisam de preparação para o Ensino Superior. Desse modo, pouco considera outras questões que dizem respeito à projeto de vida e pode ir além da escolha profissional, afinal estamos lidando com o jovem enquanto sujeito, que, segundo Dayrell (2003, p.43) "é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade."

O reconhecimento apareceu como dimensão importante, pois interfere na construção dos projetos de vida, na escolha da profissão, no desenvolvimento dos potenciais, na relação com a escola e com a própria sociedade. Gustavo gostaria de ser motorista, mas pelo não reconhecimento da profissão pela sociedade, demonstrou vergonha em falar sobre seu interesse, além de assumir um posicionamento de resignação ao ser perguntado o que ele esperava de seu trabalho, "*Eu espero nada! Eu gosto muito... eu queria muito ser motorista, mas eu gosto muito de Psicologia também!*" (Gustavo, OF2). Logo, buscamos proporcionar essa discussão do curso (Psicologia) que era de interesse para ele e perguntamos se ele conhecia as áreas de atuação, buscando criar condições para que ele pudesse falar sobre suas curiosidades. Miguel demonstra motivação de buscar informações sobre a profissão desejada, "*É eu tô percebendo assim, eu tô criando interesse em pesquisar sobre os distúrbios, sobre o autismo, é uma coisa incrível*" (Miguel, OF2)

Observou-se, então, uma noção vaga e distanciadas sobre a questão da escolha profissional por parte dos jovens pesquisados. Weller (2014, p. 139) vem ressaltar que a capacidade de organização ou planejamento é adquirida por meio de processos de socialização primários, como a família, e secundários, como a escola. Portanto, esta deve desempenhar um importante papel fundamental na escolha da profissão que possa incluir também a construção de projetos de vida, o que vem ocorrendo é a delegação desse papel às famílias, exclusivamente, e as escolas se responsabilizando, apenas, pela preparação de transmissão de conteúdo.

Historicamente, os sistemas educacionais privilegiam os modos mais analíticos de aprendizagem, negando a importância das artes e das expressões culturais como formas válidas de conhecimento. No Ensino Médio, as aulas de artes visuais, por exemplo, foram substituídas por aulas de desenho técnico ou de geometria com a justificativa de serem mais importantes já que atendem a demandas de preparação para o vestibular ou para o mercado de trabalho. As aulas de dança, de teatro e de música praticamente ficaram ausentes nos currículos das escolas brasileiras. (Viana, p.252)

Sendo assim, diante do sistema competitivo que prima pelo acúmulo de conhecimentos, as outras dimensões do desenvolvimento são desconsideradas. Ressalta-se a importância que deve se dar à expressão individual e coletiva de reproduções sociais referentes às diferenças étnicas, religiosas e regionais, uma vez que a escola, especialmente o Ensino Médio, também necessita ser um espaço de produção de valores, de formação humana, e não apenas de transmissão de conteúdos preparatórios para vestibulares. Arroyo (2014) vem complementar essa necessidade da adaptação curricular que, ao se pretender garantir a incorporação nos currículos do conhecimento da condição juvenil no mundo, faz-se necessário o entendimento desta na diversidade de formas de viver que apresentam.

O primeiro direito ao conhecimento de todo ser humano é a se conhecer, a se saber no mundo, na história, nas relações sociais, econômicas, políticas e culturais. O direito a se entender nas relações de classe nos padrões de poder, de trabalho, de apropriação-expropriação da terra, do solo, da renda pública. Entender-se nessas relações políticas e nesses padrões como sem-trabalho, sem-escola, sem-universidade, sem-renda, sem-moradia, sem-terra. (Arroyo, 2014, p. 161).

A escola precisa incluir outros tipos de conhecimento, além do cognitivo, investindo melhor na formação de valores éticos e humanos. É preciso ver que os jovens que são envolvidos de afetos, visão de mundo, construção de valores próprios, expectativas diante de seu futuro, características e atitudes distintas, que os reconhecem enquanto sujeitos jovens em meio a sociedade (Dayrell, 2016).

Com essa pesquisa, foi possível perceber que fazer uma projeção futura do que se tem hoje para algo mais distante era um exercício complicado para alguns deles. Ao serem questionados sobre o futuro, vieram sentimentos de dúvidas e incertezas, como na fala de Gabriel, onde o reconhecimento simbólico de que o querer está direcionado a falta de escolha ideal quando o mesmo afirma querer algo, “*Não se saber pensar o que quer!*” (Gabriel, OF3). Isto por vezes é imposto pela sociedade e negado pela condição de não aceitar. Em outro momento, o reconhecer seus sonhos e as qualidades foram algo que os jovens reconheceram como dificuldades, representado no discurso de Ana “*É difícil se auto avaliar, pro bem ou por mal*” (Ana, OF3).

Brandão (1999, p.35) vem contribuir ao afirmar que a tomada de consciência da situação constitui uma exigência para qualquer processo de transformação do cotidiano, mas esse processo não se limita a isso. Segundo ele, para trabalhar as possibilidades de construção do futuro, só é possível ao tocar os sentimentos, a aceitação do outro, aparecendo como alvo a estrutura de representações que as pessoas fazem de si mesmas e do mundo, a partir da união entre atividade, afetividade e consciência.

Para isso, evidencia-se a necessidade de se criar mais espaços de escuta na escola e na sociedade. O que se percebe é que, geralmente, os jovens têm seus modos próprios de se expressar, mas que não são audíveis e nem visibilizados na nossa sociedade, menos ainda quando se trata de reconhecer suas qualidades, potenciais e conquistas. O jovem na nossa sociedade atual, principalmente aquele que vem de condição de pobreza é visto pela ótica da culpabilização, o que produz um estigma introjetado e que pode até limitar suas capacidades de desenvolvimento, de criatividade.

Quanto à dimensão dos potenciais, foram mencionadas pelos jovens as noções de resiliência, persistência, empreendedorismo, estar disposto a aprender com os outros, criatividade, coragem, dentre outras. Ao perguntar a eles sobre as formas que eles reconheciam as potencialidades da escola e as formas como isso acontecia, deparamo-nos com uma resposta óbvia para eles, alguns jovens responderam: “A escola motiva!” outros afirmam: “A escola tem que motivar!”. Essa resposta pareceu inquietante, uma vez que foi imediata, por um lado, no entanto, por outro lado, não conseguiam se explicar para a além desse discurso aparentemente pronto. Para eles, o papel da escola estava em ensinar, repassar conteúdos e que este é papel principal dela. No entanto, o educar não parecia ser entendido para além disso. Em contraposição, é preciso pensar criticamente, a partir de Saulo et al., (2016), que nos aponta o educar através do entendimento de que conhecer o outro e reconhecer sua alteridade é condição indispensável para o desenvolvimento de atividades educativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As categorias de análises desse estudo evidenciam a percepção do paradigma da diversidade do que é ser jovem, tanto no que se refere ao modo de vida, como seus interesses, desejos e possíveis projetos de vida. No entanto, o jovem se depara com diversos papéis sociais e inúmeros desafios para constituir-se como sujeito de direitos, onde se destaca um distanciamento entre a escola e seu projeto de vida.

Falar em educação nessa pesquisa perpassou temáticas como função social da escola, cidadania e relações escola-família-comunidade. Com isso, os desafios da juventude contemporânea conduziram a problematizações acerca do

sucesso escolar e do protagonismo juvenil, possibilitando a desnaturalização de visões que responsabilizam o sujeito pelo seu fracasso, ao considerar as peculiaridades dos campos de escolha destinado a jovens que estão vivenciando a realidade de pobreza. Foram trazidas discussões sobre a necessidade de trabalho cada vez mais cedo, a dificuldade em conciliar estudos e trabalho, assim como o distanciamento da realidade escolar em relação aos projetos de vida dos jovens.

Por fim, observou-se que a categoria secundária reconhecimento interfere na construção dos projetos de vida, na escolha da profissão, no desenvolvimento dos potenciais e na escola. A partir do exposto, pontua-se a importância do reconhecimento como elemento possível de favorecer a construção da identidade e a participação social desses jovens.

Enfatiza-se, por meio desta pesquisa, a necessidade de aproximação das atividades cotidianas escolares com a realidade de vida desses novos jovens que chegam ao Ensino Médio, considerando seus contextos econômicos, sociais e culturais. Temos hoje jovens que são diariamente bombardeados de informações, de músicas, filmes e diversos outros tipos de expressões culturais que também contribuem para sua formação de maneira integral. Para a escola ser um espaço potencializador, são fundamentais a inovação e a interdisciplinaridade no planejamento das aulas, tornando-as mais dinâmicas e com sentido mais prático na vida desses alunos.

Um dos pilares para essa potencialização, é tornar a escola e a sala de aula um espaço de posicionamento político através da exposição de opiniões, de questionamentos sobre a realidade em que se inserem. Da mesma forma podemos nos referir à família, a qual percebemos a forte influência na construção dos sonhos dos jovens. A família também pode se apresentar como um apoio e de incertezas, ao mesmo tempo. Portanto, é fundamental oferecer uma escuta compreensiva e dialogada que contribua para a formação de opiniões e para a confiança nos seus potenciais.

Caracterizar essas juventudes implica uma multiplicidade de caminhos e possibilidades em contextos que, por um lado, podem limitar e, ao mesmo tempo, podem favorecer a transformação da realidade, principalmente quando os reconhecemos como protagonistas e criadores de novos modos de viver. Para isso, urge que se possa pensar criticamente essa noção de protagonismo na sociedade contemporânea numa perspectiva dialética, histórico-cultural e libertadora.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Antonio Herman. “O principio do poluidor-pagador”. In **Dano Ambiental, prevenção, Reparação e repressão**, São Paulo, Revista dos Tribunais, 1998.



SANTOS, Felipe Plácido dos; MONT'ALVERNE, Jéssica Maria Dias; SILVA, Aleksandra Maria Sousa. *Juventude e escola: articulações entre escolha profissional e projetos de vida*.

BRASIL. **Código Civil**. Brasília, Senado Federal, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei n. 9.605**, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 fev. 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm>. Acesso em 22 jun. 2022.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes; LEITE, José Rubens Morato. **Direito Constitucional Ambiental Brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

KOHL, Paulo Roberto. Entenda quando se configura a responsabilidade civil ambiental. **Aurum**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.aurum.com.br/blog/responsabilidade-civil-ambiental/> Acesso em: 28 fev. 2023.

MACHADO, Paulo Affonso Leme. **Direito ambiental brasileiro**. 23. ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2015.

PEREIRA, Caio Mário da Silva. **Responsabilidade civil**. Rio de Janeiro: forense, 1997.

ROCHA, Maria Isabel de Matos. Reparação de danos ambientais. **Revista de Direito Ambiental**, São Paulo, n. 19, ano 5, nº.128-156, jul/set, 2000

SENDIM, José Souza Cunhal. **Responsabilidade civil por danos ecológicos**: da reparação do dano através da restauração natural. Coimbra, 1998.

SILVA, José Afonso. SILVA, José Afonso da. **Direito ambiental constitucional**. 2. ed. revista. São Paulo: Malheiros, 1995.

*Recebido em 18 de fevereiro de 2022.
Aprovado em 06 de novembro de 2023.
Publicado em 19 de abril de 2024.*

